O JEJE-MAHI, CULTO DAOMEANO EM PERNAMBUCO COM O CENTRO ESPÍRITA NOSSA SENHORA DO CARMO A PARTIR DA DÉCADA DE 1970.

Diógenes Silva Albuquerque.
Faculdade Alpha
Pós-graduado em História de Pernambuco
diogenes_albuquerque@hotmail.com

RESUMO

Desde o século XVI, o Oceano Atlântico apresentou-se como rota marítima usada pelos navegadores europeus para transportar uma carga comercial diferente, o escravo. O cativo, quando chegava à Nova Terra, além de integrar a mão-de-obra para o cultivo das lavouras de grande extensão, também seria usado nos afazeres domésticos, no campo ou nas cidades. Especialmente no meio urbano é que se desenvolveria a religião negra do Candomblé. Mantendo ainda algumas características das religiões tribais do Golfo do Benim, a crença negra desenvolveu-se no Brasil e em Pernambuco. Posteriormente, com a interligação de diversas etnias africanas que aqui se encontravam, aos poucos se foi construindo um panteão de divindades negras, passando a designar um culto organizado com toques de tambores, maior número de participantes e locais (altares) exclusivos para adoração das diversas entidades africanas. Assim, em meio as várias nações que desembarcaram nas terras brasileiras destaca-se a Jeje-Mahi, cujo culto religioso desenvolveu-se no estado na Bahia, especificamente nas cidades de Salvador e Cachoeira. Durante a primeira metade do século XX, Antônio Pinto de Oliveira (Tata Fomutinho), um iniciado nesta nação de Candomblé deu inicio a diáspora religiosa em direção ao Rio de Janeiro, propagando o ritual Jeje. Nesse contexto, Fausto Jose da Silva trás consigo do referente estado, todos os preceitos necessários para fundar no estado de Pernambuco o Centro Espírita Nossa Senhora do Carmo. O trabalho utiliza-se de pesquisa historiográfica, utilização de fontes bibliográficas, orais e documentais para reconstruir a história dessa casa de culto africano e seu fundador.

Palavras-Chave: Candomblé; Jeje-Mahi; Pernambuco.

O DESENVOLVIMENTO DO CANDOMBLÉ NO BRASIL, E EM PERNAMBUCO DO XANGÔ.

As Ciências Socias tem discutido o conceito de religião amplamente durante muito tempo, atribuíndo-lhe algumas características. Sobre esse conceito Ely Chinoy, destaca que:

> Estas práticas e crenças sagradas ajudam os homens a enfrentar as frustrações e ansiedades inerentes à vida humana. A religião explica a morte de maneiras que permitem aos homens arrostar o próprio destino e o destino de outros (embora alguns rejeitem ou ignorem as consolações da crença religiosa). (CHINOY, 1967, p.494)

A função exercida pela religiosidade dos africanos encaixa-se perfeitamente na citação acima. Pois, mesmo tendo vivenciado períodos de exploração intensa pelo tráfico de escravos, a fé ofereceu-lhes uma base de forte resistência para que os mesmos pudessem suportar as mais terríveis situações em um mundo onde essas pessoas não passavam de uma simples mercadoria e força de trabalho para os colonizadores.

Após a chegada ao Brasil de várias etnias africanas diferentes, que cultuavam em suas aldeias/cidades divindidades centrais responsáveis pela proteção e manutenção da religiosidade local, ocorreu uma junção dessas entidades sobrenaturais passando a serem cultuadas em um mesmo âmbito religioso. Essa organização, posteriormente, denominou-se, de forma genérica, Candomblé e em Pernambuco de Xangô.

Em Pernambuco, o Candomblé é denominado Xangô. Embora possua um nome diferente, o Xangô pernambucano possui características semelhantes ao Candomblé cultuado em outros estados brasileiros, essa similaridade ocorre no âmbito dos cultos do panteão de diversas divindades africanas, como também nas práticas rituais de iniciação e adoração dessas entidades.

O nome a que se refere os cultos afro-brasileiros em Pernambuco, esta diretamente ligado a poderosa influência dos negros de língua nagô no estado. Este grupo étnico pertence aos povos Yorubás, que por sua vez integram o complexo de povos da área do Golfo do Benim. No século XVIII e início do XIX, é registrada uma continuada importação de africanos provenientes dessa corrente étnica. Lia Menezes nos diz

que:

> A grande massa yorubana chegou para abastecer os campos da lavoura do recôncavo e mineração na área Diamantina; os trabalhos domésticos e venda de produtos no litoral de Bahia; em São Paulo e Rio de Janeiro, para os trabalhos da área açucareira e cafeeira e os serviços braçais na corte; em Minas Gerais, na mineração e irradiaram para Goiás e estados limítrofes; para o Nordeste, na grande produção açucareira de Pernambuco, Alagoas e Paraíba; e para o norte, Maranhão, Piauí e Pará para as lavouras do algodão. (MENEZES, 2015, pp. 33,34).

Os nagôs exerceram importante influência na construção da religião afrobrasileira, em especial no estado de Pernambuco, pois Xangô, foi um poderoso rei da cidade de Oyó, na qual pertencem os povos do tronco lingüístico nagô, e com a formação da religião negra no Brasil passou a ser a divindade principal cultuada nos Candomblés nagôs. Nos cultos pernambucanos, em particular, sua influência foi tão intensa que o seu nome acabou se transformando em referência para denominar o Candomblé no estado.[1]

A TRASNFORMAÇÃO DE UMA NAÇÃO ÉTNICA PARA UMA NAÇÃO DE CANDOMBLÉ.

O sentido de nação nas sociedades africanas era o de identidade coletiva, em que a mesma abrangia diversos âmbitos, entre eles o lingüístico, político, territorial e religioso. Porém, a característica de maior significância para a distinção de um determinado grupo de outro seriam as conexões familiares através de um ancestral comum, cultuado entre a comunidade.

> Por outra parte, a identidade coletiva das sociedades da África ocidental era multidimensional e estava articulada em diversos níveis (étnico, religioso, territorial, lingüístico, político). Em primeiro lugar, a identidade de grupo decorria dos vínculos de parentesco das corporações familiares que reconheciam uma ancestralidade comum. Nesse nível, a atividade religiosa relacionada com o

[1] O terreiro Oba Ogunté, é um dos mais importantes centros de Candomblé nagô do estado, foi fundado por volta de 1860/70 por uma negra africana de nome Inês Joaquina da Costa (Ifatinuké), conhecida como Tia Inês, posteriormente com o seu falecimento, o filho espiritual Felipe Sabino da Costa (Opeatanan), mais conhecido como Pai Adão, depois de anos conturbados sobre a liderança do centro, adquiriu a direção do terreiro. (PEREIRA, 1994, p.49).

> culto de determinados ancestrais ou de outras entidades espirituais era o veículo por excelência da identidade étnica ou comunitária. Tal presença era normalmente assinalada por uma série de marcas físicas ou escarificações no rosto ou em outras partes do corpo.
> (PARÉS, 2007, p.23).

Com o passar do tempo, o conceito inicial de nação, tendo como base a ligação comum a uma ancestralidade, os vínculos políticos, lingüísticos e territoriais na África, foram perdendo seu significado à medida em que cessou o tráfico, e com a contribuição da miscigenação racial no Brasil. Diante disso, a denominação de nação passou a adquirir um sentido teológico, deixando de indicar pessoas de uma terra de origem em comum, para assinalar um tipo de modalidade ritual. Sobre a questão dessa passagem, Luis Nicolau Parés analisa que:

> Progressivamente, as denominações de nação deixaram de designar indivíduos compartilhando uma mesma terra de origem ou ascendência africana. O pertencimento de uma pessoa a uma nação passou a depender do seu envolvimento, normalmente marcado pela iniciação, com um terreiro onde, no culto, predominavam elementos rituais e míticos originários de uma determinada terra africana. [...] Conseqüentemente, o conceito de nação "religiosa" ficou estreitamente relacionado com as diversas linhagens ou genealogias da família-de-santo, através das quais "a norma dos ritos e o corpo doutrinário" são, de uma forma ou de outra, transmitidos.
> (PARÉS, 2007, p.102).

Com isso, o conceito de nação passou de um conceito étnico para um espiritual, no qual se estabelece os vínculos através do processo de iniciação formando assim uma família espiritual nos terreiros. Ou seja, se antes uma nação como a nagô era identificada a partir do elemento lingüístico, e do seu território na África, em momento posterior o termo nagô passou a designar uma modalidade da religião do Candomblé no Brasil. O mesmo acontece com outras denominações como a angola, ketu, xambá, ijexá, e a jêje, nação em que se encontra inserido o objeto de estudo.

JEJE-MAHI: ORIGENS DE UMA NAÇÃO DE CANDOMBLÉ.

A nação jeje-mahi é uma subclassificação religiosa do grupo maior jeje, assim como são o jeje-mudubi, o jeje-daomé, e o jeje-mina de São Luiz do Maranhão. Sua

localização geográfica no continente africano está situada na região central da atual República Democrática do Benim, área em que se localizavam os reinos de Savalu, Fitta, Dassa, e Savè.

Sobre a influência jeje no culto a múltiplas divindades, Luis Nicolau Parés afirma que: [...] essa prática ritual encontra claros antecedentes africanos na área gbe e que, logicamente, a matriz jeje ou as tradições do culto de voduns tiveram um papel determinante no processo constitutivo desse modelo de Candomblé. (PARÉS, 2007, p.143).

A etnia jeje contribuiu na organização do Candomblé, pois a mesma trouxe consigo para o Novo Mundo traços de uma herança de culto religioso de múltiplas divindades presentes desde sua terra de origem, fornecendo, assim, um modelo que influenciou a forma organizacional dos cultos africanos no Brasil.

O SEJA HUNDÉ.

Um dos principais terreiros que os africanos jejes-mahis fundaram no Brasil foi o Seja Hundé no município de Cachoeira na Bahia, que segundo Luis Nicolau Parés, seu nome completo seria Zoogodô Bogum Malê Seja Hundé. Mas de acordo com Marcos Carvalho, ele denomina-se Xwé Seja Hùnde. Embora haja essa discussão, há certo consenso entre os dois autores sobre a ligação do nome do terreiro com o vodun Bessen.[2]

É necessária a abordagem sobre o Seja Hundé localizado na estrada velha de Belém, atual ladeira da Cadeia, na cidade de Cachoeira, pois, como veremos ao longo deste estudo, será através desse terreiro que se dará a ligação espiritual do Centro Espírita Nossa Senhora do Carmo, estabelecendo-se, assim, como um Candomblé de nação jeje-mahi no estado de Pernambuco.

Dentre o primeiro grupo de pessoas iniciadas no Seja Hundé, destaca-se a figura masculina de Antônio Pinto, consagrado a divindade Oxum. O fato de iniciar-se

[2] Bessen ou Bèsén, é o nome de um vodun representado como uma serpente. Na África, na região do antigo Daomé, é chamado de Dan e é simbolizado como uma serpente que morde a própria cauda formando um círculo. (CARVALHO, 2006).

um homem, cuja função era em sua maioria exercida por mulheres, gerou muito espanto dentre o povo de Candomblé. Antônio Pinto nasceu na Bahia em data desconhecida. Sua iniciação não aconteceu sem nenhuma resistência por parte dos mais velhos, houve, sim, muita relutância em iniciar Antônio. Até que o seu Orixá, Oxum, o incorporou passando uma noite inteira com as mais antigas do terreiro, resultando na aceitação para ser iniciado. (PARÉS, 2007, p.216).

Posteriormente, durante sua iniciação, Antônio Pinto ficou conhecido como Tata Fomotinho.[3] De acordo com Parés, Fomotinho era ainda bem joverm quando mudou-se, não se sabe o motivo, para o Rio de Janeiro, dando início à propagação do jeje-mahi Cachoeirano.

> [...], quem mais contribuiu para a difusão do rito jeje no Candomblé carioca foi Tata fomotinho de Oxumila (Oxum), iniciado em 1913 por Maria Agorensi. Ainda sem ter concluído sua iniciação, com apenas 17 anos ele se mudou para o Rio, estabelecendo-se em São João de Niterói, onde iniciou grande quantidade de filhos-de-santo. Dentre os mais conhecidos figura Zezinho da Boa Viagem, que por sua vez iniciou alguns dos atuais participantes das festas do Seja Hundé.
> (PARÉS, 2007, p.246).

Já no estado do Rio de Janeiro, por volta de 1936, Antônio Pinto iniciou seu primeiro grupo de vondunsis, e dentre os seus inúmeros filhos-de-santo está Zezinho da Boa Viagem, um dos mais conhecidos, como pudemos observar na citação acima de Parés, que fundou o terreiro Nossa Senhora dos Navegantes também no Rio, e será uma figura importante para o nosso estudo, pois o mesmo, de certa forma, será um elemento de valiosa ligação para vinda do jeje-mahi à Pernambuco.

FAUSTO JOSÉ DA SILVA E O JÊJE EM PERNAMBUCO.

A vinda da nação de Candomblé jeje-mahi para o estado de Pernambuco está

[3] Devido as suas interações e relacionamentos com outras casas-de-candomblé, principalmente de nação angola, recebeu o título de Tata que significa pai. O termo Fomotinho refere-se à quarta posição ocupada no grupo de pessoas durante a iniciação, posição ocupada por Antônio Pinto durante seus processos iniciáticos. (CARVALHO, 2006).

presente na figura de Fausto José da Silva. O estudo do tema torna-se quase impossível sem a análise da vida do Pai Fausto, como geralmente era conhecido, pois ambos, o culto jeje no estado e o seu precursor, estão intimamente ligados e interligados em todos os aspectos. A história será construída mediante os relatos orais dos integrantes remanescentes do Centro Espírita Nossa Senhora do Carmo, fazendo-se o cruzamento, sempre que possível, com as fontes primárias e bibliográficas disponíveis.

Segundo Sônia Maria da Silva, irmã do Tata Fausto[4], e antiga Ekedje[5] do terreiro, ambos foram adotados por uma mulher conhecida como Mãe Amélia. De acordo com ela, a mesma e Pai Fausto, como também sua família adotiva eram originários do Rio de Janeiro, vindo para Pernambuco posteriormente se estabelecendo no bairro do Pina, no Recife, em seguida na cidade do Cabo, ao sul do litoral pernambucano, e logo depois transferindo-se para o município do Jaboatão dos Guararapes.

> Ele é meu irmão, ele me criou desde novinha, eu não conheço parente, o parente que eu conheço é ele, aí chamava ele de pai. A mãe dele foi quem me criou que era mãe-de-santo também. Aí ele veio do Rio de Janeiro comigo, quando ele veio do Rio ele já era pai-de-santo do nagô, o pai-desanto dele lá era seu Néris. Aí quando viemos de lá para cá, viemos para o Pina primeiro, no Pina a mãe dele também era mãe-de-santo, a avó dele também era mãe-de-santo, era a baiana do Pina. [...] Nós viemos do Rio de Janeiro para cá com Dona Amélia, ela ficou morando no Pina, no Pina ela tinha a mãe dela que era mãe-de-santo, era a baiana do Pina, chamava Fortunata a baiana do Pina, que era avó dele. Aí ela faleceu, nós viemos para o Cabo, fomos morar no Cabo, no Cabo minha mãe também abriu terreiro junto com ele, ele era pai-de-santo e ela era mãe-de-santo, a mãe dele, vivia dentro de casa com ela, era eu, ela e ele. Aí de lá houve uns problemas com ele, aí nós viemos para aqui, para Prazeres, ela ficou e ele veio, e eu fiquei com ela.[6]

Sobre a baiana do Pina, a suposta avó do Tata Fausto segundo sua irmã Sônia, sabe-se que foi uma importante sacerdotisa do culto nagô, e que sua origem é africana. Sobre a mesma:

> Visitei hoje a seita da “baiana do Pina”. Esta seita não é registrada na Secretaria da Segurança Pública. Chama-se D. Fortunata Maria da Conceição a sua presidente. [...] É ela natural da Costa d’África, estando já há muitos anos no Brasil, tendo residido no Rio (Morro da Favela), na Baía (Largo do Sapateiro), em Maceió, e enfim no Recife, no Pina. É de nação nagô e adora Sta. Bárbara. [...] Foi a iniciadora de mais dois terreiros aqui no Recife: o do finado

[4] Termo como também era conhecido o Pai Fausto.
[5] A palavra Ekedje no Candomblé, refere-se a mulher que toma conta do vondun/orixá, assim que o mesmo se manifesta. (CARVALHO, 2006).
[6] Entrevista feita com a Ekedje Sônia, realizada em 12 de novembro de 2008.

> Gentil, no Tóto, e o do seu filho José Gomes da Silva (Néri) no Jacaré. (MENEZES, 2005, p.52).

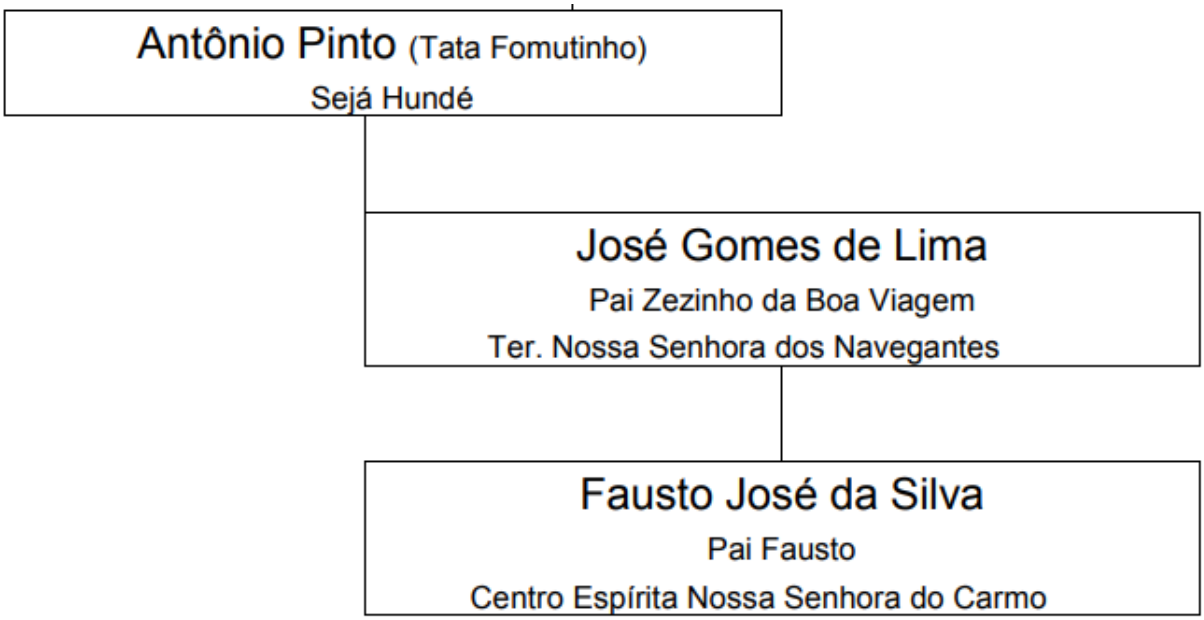
Podemos constatar, que o Tata Fausto antes de ser iniciado na nação de Candomblé jeje-mahi, já havia sido preparado nos preceitos de outra nação, a de culto nagô. Em sua juventude havia construído uma amizade muito forte com o Sr. José Gomes de Lima, futuramente conhecido como o babalorixá Zezinho da Boa Viagem que viria a residir no Rio de Janeiro e seria iniciado no culto jeje por Tata Fomutinho originário do Seja Hundé.

Por volta de 1963/1964, o Pai Fausto viaja para o estado do Rio de Janeiro, local onde o seu antigo amigo o Babalorixá Zezinho da Boa Viagem residia a algum tempo e já tendo sido iniciado na nação jeje-mahi por Tata Fomutinho, fundando o terreiro Nossa Senhora dos Navegantes. Sobre a viagem ao Rio o Ogan[7] José Pereira de Albuquerque, um dos integrantes mais antigos do Centro Espírita Nossa Senhora do Carmo, nos informa que:

> Ele foi para o Rio de Janeiro, como quase que a passeio, segundo me consta. Chegando lá, foi época que Zezinho tinha virado pra jeje [...] chegou lá, Zezinho já tinha casa funcionando no Rio de Janeiro. Chegou lá, segundo, não ele, mas pelo que me consta, a Oxum dele arriou e fizeram [...] e recolheram ele e refizeram ele no jeje.[8]

Então, com a iniciação do Tata Fausto na nação jeje-mahi, estabeleceu-se um vínculo de parentesco religioso com o terreiro matriz, o Seja Hundé.

[7] Ogan,é um cargo dentro da liturgia do Candomblé, responsável por certos aspectos organizacionais e rituais. Podendo desempenhar várias funções, inclusive de representar o candomblé perante a sociedade, e para cada uma delas recebe um nome específico. (CARVALHO, 2006).
[8] Entrevista feita com o Ogan Pereira, realizada no dia 24 de novembro de 2008.



(ALBUQUERQUE, 2008, p.57)

Esse vínculo de parentesco se dá, principalmente, no campo do invisível, da força espiritual, do axé, um elemento imaterial transmissível através de ritos de iniciação. Sobre esse assunto, Juana Elbein dos Santos nos diz que:

> É o principio que torna possível o processo vital. Como toda força, o àse é transmissível; é conduzido por meios materiais e simbólicos e acumulável. [...] A força do àse é contida e transmitida através de certos elementos materiais, de certas substancias. O àse contido e transferido por essas substâncias aos seres e aos objetos mantém e renova neles os poderes de realização. (SANTOS, 1976, pp.39,40)

O tempo que se passou no Rio de Janeiro não pode ser determinado com precisão, mas podemos definir uma média de alguns meses aproximadamente, ou um ano no máximo, pois por volta de 1964 ou 1965 o Tata Fausto já se encontrava em Pernambuco dando início ao jeje-mahi no estado, e é durante este período que ocorre a iniciação do primeiro Ogan do Centro Espírita Nossa Senhora do Carmo, o Sr. José Pereira de Albuquerque. Embora no registro da União Espiritista de Umbanda de Pernambuco conste como data de fundação 20 de novembro de 1970, isso não quer dizer que sua fundação tenha-se dado nos anos 70, nada impede que ele tenha fundado o

terreiro por volta do período acima indicado, e ter só cadastrado seu centro posteriormente.

A volta de Pai Fausto à Pernambuco depois de ter sido iniciado por Zezinho da Boa Viagem no Rio de janeiro, conseqüentemente, marca a chegada da nação jeje-mahi ao estado, e a mudança do seu terreiro, antes localizado na esquina da rua Manoel Leitão com a Estrada da Batalha, e posteriormente na própria Rua Manoel Leitão nº 136.

> A casa era na rua Manoel Leitão, uma casa ainda humilde e foi através dos clientes, da amizade dele, que era bem freqüentado (o terreiro) por gente da polícia, que ia lá fazer consultas, essas coisas. E foi melhorando, foi melhorando, e eu sempre lá, ia por lá assistir função.[9]

A origem do nome do terreiro, Centro Espírita Nossa Senhora do Carmo, pode ser analisada observando-se um duplo sincretismo. Primeiramente, o termo inicial "Centro Espírita", faz referência a influência que a doutrina espírita, desenvolvida por Allan Kardec durante o século XIX, exerceu sobre a sociedade, inclusive nas religiões de matrizes africanas, onde muitos terreiros de Xangô do Recife adotaram o termo "Centro Espírita".[10]

Em seguida, observamos o termo "Nossa Senhora do Carmo", ora, está claro o sincretismo com o catolicismo. A santa católica, Nossa Senhora do Carmo no sentido sincrético, corresponde a divindade africana Oxum, justamente a divindade central do terreiro. Possivelmente Pai Fausto seria devoto desta santa, por conta também do seu Orixá ser Oxum, com isso, poderia tê-la feito uma homenagem colocando o nome da santa no seu terreiro de candomblé.

É importante notar que para tentar melhorar sua situação financeira, como também para a manutenção do terreiro, Tata Fausto se valia do seu nome, muito respeitado pelas pessoas do Candomblé, bem como, por suas influentes amizades. Com isso, se deu o surgimento do Centro Espírita Nossa Senhora da Carmo trazendo para Pernambuco a influência e a magia do culto jeje-mahi no estado.

---

[9] Entrevista feita com o Ogan Pereira, realizada no dia 24 de novembro de 2008.
[10] Sobre a relação entre doutrina espírita e as religiões afro-brasileiras, ver: MOTTA, Roberto. Escatologia e visão de mundo nas religiões Afro-Brasileiras. In: BRANDÃO, Sylvana (org.). História das Religiões no Brasil – Vol. 2. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A produção historiográfica acerca do negro como suas manifestações de cunho cultural no Brasil, vem ganhando cada vez mais espaço no cenário ao longo do tempo. Toma-se consciência, realmente, de que os africanos formaram uma das bases da construção social do país, exercendo influências em todos os aspectos na sociedade brasileira. Mas, ainda é preciso se desfazer das antigas ideologias que estiveram presentes, e muitas vezes ainda estão, na formação da população e do senso-comum.

Os resultados que o presente trabalho apresenta são satisfatórios, pois pudemos perceber como se deu a construção do Candomblé e do Xangô como religião de matriz africana. Os objetivos buscados sobre o estudo do surgimento da nação jeje no Brasil e em Pernambuco, e onde foi enfocado o objeto principal do trabalho, foram positivamente alcançados. Consideramos que, de acordo com as pesquisas feitas para este trabalho, o Centro Espírita Nossa Senhora do Carmo estabelece-se mediante o parentesco e ascendência religiosa, como um terreiro de Candomblé da nação jeje-mahi.

Verifica-se que, no entanto, ainda existem muitos pontos que necessitam de futuras pesquisas para que sejam devidamente reconstruídos. Não apenas a respeito da nação jeje em Pernambuco, mas a cerca da diáspora iniciada por Tata Fomutinho, saindo de sua casa matriz em Cachoeira na Bahia, dirigindo-se ao Rio de Janeiro, e instalando-se lá, para fundar sua própria casa de culto e disseminar uma nação de Candomblé que até então não era tão conhecida naquele estado como em outros do país, mas que possui um alto grau de importância na construção da religiosidade afro-brasileira. No candomblé, ou Xangô, pernambucano, necessita-se aprofundar o trabalho em relação a história do Centro Espírita Nossa Senhora do Carmo, bem como as marcas e influências deixadas por essa casa de culto na religiosidade afro-descendente no estado.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, D. S. Centro Espírita Nossa Senhora Do Carmo: Memórias de um Candomblé Jêje em Pernambuco. Monografia de Graduação. Recife. Universidade Salgado de Oliveira, 2008.

CARVALHO, Marcos. Gaiaku Luiza e a Trajetória do Jeje-Mahi na Bahia. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

CHINOY, Ely. Sociedade: Uma Introdução à Sociologia. São Paulo: Cultrix, 1967.

JAGUARIBE, Hélio. Um Estudo Crítico da História - Vol.II. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

MENEZES, Lia. As Yalorixás do Recife. Recife: Funcultura, 2005.

MOTTA, Roberto. Escatologia e visão de mundo nas religiões Afro-Brasileiras. In: BRANDÃO, Sylvana (org.). História das Religiões no Brasil – Vol. 2. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.

PARÉS, Luis Nicolau. A Formação do Candomblé – História e ritual da nação jeje na Bahia. 2ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

PEREIRA, Zuleica Dantas. O Terreiro Oba Ogunté: Parentesco, Sucessão e Poder. Dissertação de Mestrado. Recife: UFPE, 1994.

RIBEIRO, René. Cultos Afro-Brasileiros do Recife: um estudo do ajustamento social. 2ª Ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978.

SANTOS, Juana Elbein dos. Os Nagô e a Morte – Pàde, Àsèsè e o Culto Égun na Bahia. Petrópolis: Vozes, 1976.

SOUZA, Marina de Mello e. África e Brasil Africano. São Paulo: Ática. 2008. 2ª edição.

Verger, Pierre Fatumbi. Fluxo e Refluxo do Tráfico de Escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de todos os Santos dos Século XVII a XIX. Editora Corrupio. 4ª ed.